

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Formação da
Personalidade 3



A Formação da Personalidade com Bruno Lamoglia

Aula 03 - Educação Infantil

SINOPSE

Educar uma criança é uma tarefa extremamente difícil e uma enorme responsabilidade. Por isso, nesta aula, o psiquiatra Bruno Lamoglia fornece ferramentas que podem auxiliar os pais nessa missão, compartilhando os principais objetivos que devem ser levados em consideração na hora de educar, observando as particularidades de meninos e meninas e trazendo apontamentos acerca dos efeitos da forma como as últimas gerações têm sido formadas.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: quais as etapas de desenvolvimento da criança; quais os quatro temperamentos; o papel do tutor na educação; a importância de um lar estável; os métodos para educar as crianças; a diferença no crescimento entre meninos e meninas; o efeito da não-incorporação da *anima* e do *animus*; qual o objetivo inicial e qual o objetivo final na educação.

1. INTRODUÇÃO

Nesta aula, falaremos sobre educação. Na primeira e segunda aulas, nosso foco recaiu sobre a formação e a ascensão do ser. Portanto, sobre como é um ser humano em sua plenitude.

Depois de estar bem-formado, o ser humano tem a capacidade e o dever - é um sentimento de dever - de auxiliar na formação de um outro ser. Por isso, nosso assunto agora é sobre educação. Evidentemente, eu preciso falar sobre criança, desde o primeiro momento em que esta vem ao mundo.

2. A CRIANÇA

A primeira metáfora que eu gosto de usar é de que a criança é uma semente. Dentro daquela pequena semente, enquanto frágil e dotada de praticamente nada, há uma sequoia. Vocês já viram uma sequoia? Uma vez eu fui num parque lá nos Estados Unidos, na Califórnia, que era aquele das maiores árvores do mundo, de exemplares que tem mais de dois mil anos e que medem mais de cem metros. É uma coisa absurda. Assim que eu vejo uma criança. Quando eu olho, eu vejo muita força, muita potência por construir. E é isso que é obrigação do adulto. Essa é a obrigação dos pais: auxiliar nessa construção de um ente forte. E é exatamente o que não acontece na maioria das vezes.

Portanto, começamos a ver aquela criança como uma potência, mas como ela está naquele momento? A criança nasce fraca, completamente dependente, completamente vulnerável, sem capacidade de discernimento, sem capacidade de se locomover. A criança é totalmente dependente de outro ser humano.

2.1. A Capacidade de Adaptação

Nessa hora, fazemos uma comparação com outros animais. Isso é específico do ser humano. Nenhum outro animal passa por esse tipo de nascimento. O ser humano nasce completamente vulnerável e cheio de capacidades. Nosso cérebro nasce com um número excessivo de neurônios. Uma potência maior do que aquela presente nos outros animais. Nos outros animais, como se dá o parto? O filhote sai e já está na batalha. O filhote já tem que nascer mais ou menos pronto. Isso faz com que ele não aprenda grandes coisas. Nos filhotes, não há a propriedade da capacidade de aprendizado da mesma forma como ser humano é. Então, o ser humano nasce com um excesso de neurônios e aquilo vai se adaptando e vai, literalmente, morrendo. O cérebro vai selecionando o que realmente precisa para aquele meio ambiente. É como se fosse uma sabedoria da natureza para falar: 'não sabemos muito bem o que vai acontecer aqui, mas os seres humanos têm uma

capacidade de adaptação maior do que qualquer outro animal'. A potência cerebral humana já vem de berço. Você consegue se adaptar a praticamente qualquer situação. É por isso que você tem seres humanos na Sibéria, no Polo Norte, no Saara, na Floresta Amazônica, em qualquer ambiente, por mais inóspito que este seja, porque temos essa capacidade de adaptação.

Tendo dito isso, começamos a pensar como acontece essa seleção. Por quê? Conforme mencionamos nas primeiras aulas, uma das coisas que acontece logo que você chega, na primeira fase, é o temperamento. O ser vai agir mais ou menos daquela forma. É interessante que você conheça o temperamento dos seus filhos, porque, por exemplo, os sanguíneos falam pelos cotovelos. No entanto, nos dois primeiros anos, a criança não fala. Isso gera um sofrimento natural. A criança fica num estado de angústia. Posso dar outro exemplo, com o colérico. O colérico adora agir e executar, mas ele não anda. Aquilo é um sofrimento, de uma certa forma, para ele. A criança tem outros sofrimentos além daqueles que já conhecemos, como a fome e a necessidade de afeto.

Como é a primeira fase da criança? Logo primariamente, enquanto está acontecendo o desenvolvimento cognitivo, que ocorre um pouco mais para frente e que se dá até os vinte anos de idade, a criança tem que se desvincular da própria mãe. A criança não tem nem a noção de ser como um indivíduo. Ela simplesmente acredita ou sente que é a própria mãe. Ela ainda não tem discernimento de que ela é outra pessoa. A primeira passagem, portanto, é compreender 'eu sou eu, eu não sou minha mãe'.

No segundo momento, a criança vira o rei ou a rainha. A criança demanda. Ela simplesmente demanda. Ela não quer saber se você tem ou não tem tempo. Se você está triste, se você está feliz, se você está com energia, se você tem recursos. Ela demanda. Seria um arquétipo do rei. A criança simplesmente manda e não quer saber de absolutamente nada. Ela é o centro do universo. Isso tem um perigo, porque o ser pode permanecer dessa forma.

Logo em seguida, como vimos na pirâmide de Maslow, a criança começa, inconscientemente, a buscar segurança. Nessa segurança, ela precisa

saber se ela vai ter comida, se está num ambiente seguro. Se não tiver, isso pode acarretar traumas. Para uma criança, como a gente falou, extremamente sensível, extremamente frágil, deixá-la chorando pode vir a ser um trauma. Por aí, percebemos o tamanho da dificuldade de como é criar uma criança. Você pode argumentar que antigamente não havia esses cuidados. No entanto, antigamente, todo mundo também estava com problemas. Eram problemas diferentes, nos adaptamos, o trauma psicológico não é totalmente predicativo de que você vai ser uma pessoa doente no futuro. Não é assim. A gente consegue, depois, com a ascensão da personalidade, contornar e trazer uma biografia um pouco menos traumática. Mas, naquele momento, deixar a criança chorando, não atendê-la, pode vir a ser um trauma. Para algumas correntes psicológicas, isso acontece até pelo tipo de parto, se cesareana ou normal, se a criança foi logo acolhida pela mãe ou não. Isso tudo pode acontecer. A gente não sabe muito bem - a verdade é essa - o quanto isso afetaria uma criança. Então, a criança é extremamente frágil.

É muito interessante quando a gente fala sobre a formação de uma criança e o quanto temos que ajudá-la, porque a formação do ser que vimos anteriormente não difere tanto da ascensão psicológica da criança. A criança passa naturalmente pelas três primeiras camadas. Logo em seguida, o adulto tem que fazer com que ela passe também pela quarta camada. Depois da segurança, a próxima fase da criança é a busca de afeto, é buscar saber como fazer para ser querida. São os pequenos joguinhos das crianças para buscar o carinho, principalmente dos pais. Logo depois, a criança vai para a escolinha e continua buscando os afetos.

2.2. O Ideal

Uma das formas para se formar uma criança é a mesma que os adultos também buscam. Como eu falei, quando estamos no meio do matagal, arranhando-o com a unha, abrindo caminho na vida difícil, é interessante que tenhamos alguns mestres, alguns professores, alguns tutores. E, nesse momento, a criança tem como tutor - um tutor absoluto os pais. Os pais são o

tutor absoluto, mas é evidente que os tutores não são só os pais. Numa sociedade, como era antigamente, que era, vamos dizer assim, o ideal - porque é muito difícil a gente falar sobre ideal em termos sociológicos -, nunca eram só os pais que davam o aval para a criança. Eram os pais, os tios, os primos, os vários irmãos. Eram os vários professores, os vários tutores, a avó, o avô. Era uma mini-comunidade que estava diante daquela formação. E quanto mais pessoas estivessem formando, ou seja, inspirando, mais aquela criança, que ainda não tem discernimento de si, conseguiria manter diretrizes de onde poderia ir. O início - e isso é o que eu preciso deixar mais claro nessa aula -, o ser humano, a criança (e até nós mesmos, também) tem sede de se tornar uma pessoa, de se tornar um ser coeso, único, próprio de si. Isso pulsa com uma força muito grande. Então, chega um momento em que qualquer tipo de dependência tem que ser combatida. Da mesma forma como a gente busca outros tutores, nesse momento, a criança não só busca, mas necessita desses tutores que vão servir como norte para onde pode ir naquele momento. A criança está ali com uma necessidade gigantesca de que alguém possa orientá-la. Essa necessidade é urgente, não tem como você deixar uma criança por conta própria, nem psicologicamente, nem afetivamente, nem racionalmente, muito menos fisicamente, sobretudo nos primeiros anos de vida. Nos cinco primeiros anos de vida, a crise morreria caso você a deixasse, tamanha é a sua fragilidade.

Como eu falei, o cérebro, por estar se adaptando, tem uma capacidade gigantesca de aprendizado. Como vemos em Piaget¹, temos as determinadas fases do neurodesenvolvimento, em que a criança vai adquirindo cognição, planejamento e execução de alguns movimentos, de alguns tipos de pensamento que vão se interligando e vão formando as suas ações, as suas execuções. Para quem quiser adentrar nesse assunto, é o Piaget que aborda essa parte cognitiva do desenvolvimento humano.

¹ Jean Piaget, psicólogo (1896 - 1980).

2.3. Os Temperamentos

Como mencionamos o temperamento, a educação, para cada temperamento, poderia vir a ser diferente. Temos pontos positivos e negativos em cada temperamento e as dificuldades e facilidades de cada temperamento. Por exemplo, quando temos uma criança colérica sob nossa tutela, é interessante que a forcemos a ser um pouco mais empática, amorosa, doce, sensível, para que não machuque as outras pessoas e para que não seja uma pessoa espinhosa. Quando a criança é sanguínea, muito faladora, devemos forçar para que não se detenha aos assuntos mais superficiais, para que seja uma pessoa mais pontual, mais profunda e para que evite grandes delongas nos assuntos. No caso de uma criança melancólica, é preciso tirá-la o quanto antes do eixo interno de si, forçar para que ela não leve tudo para o pessoal, para que seja um pouco mais ágil, um pouco mais veloz nas suas ações. Nessas crianças, é preciso tentar diminuir essa grande força para dentro. No caso do fleumático, é preciso tentar criar mais responsabilidades, ser um pouco mais enérgico. Assim, começamos a direcionar pela primeira coisa que ganhamos, que é o temperamento.

2.4. O Físico

Mas o que é mais próprio de uma criança? Ora, ao olhar para uma criança, a fragilidade física é o que mais chama atenção. As crianças são hipotônicas, elas não têm uma boa contratura, não têm movimento, não têm ainda um bom cerebelo para poder dar aquele equilíbrio para fazer as coordenações finas. O ser ainda vai ter isso. Então, a primeira coisa que também trabalhamos e olhamos é o físico. Como é a primeira camada, é interessante que trabalhemos o físico, porque, enquanto criança, por mais que você tenha potência, você ainda não é.

Parece muito com os animais. Quem tem cachorro sabe o quanto que uma criança é parecida, é uma coisa impressionante. Eu lembro muito do Cesar Millan. Para quem conhece, ele é o adestrador dos cães, chamado de encantador de cães. Qual é a primeira coisa que ele faz num cão que está

repleto de maus comportamentos, repleto de problemas comportamentais? Ele afirma que o cachorro está cheio de energia.

E assim é a criança. A criança tem de cinco a dez vezes mais energia do que um adulto acima dos trinta anos. A primeira coisa que você faz é liberar essa energia através da atividade física. Você não vai colocar a criança em uma academia, então tem que ser uma atividade física lúdica, algo que promova o entretenimento. Alguns autores dizem que a atividade física teria de vir depois, mas, para a fisiologia humana, a atividade física tem que ser feita no topo energético. Isso provavelmente acontece de manhã. Quem tem filho, sobrinho ou afilhado sabe muito bem que a criança acorda com muita energia. Um negócio violento. Nesse momento, teoricamente, num mundo perfeito, você tem que fazer uma atividade física lúdica com ela. Aí, já que você vai tem que realizar essa atividade física, caso contrário, a criança não conseguirá prestar atenção, não conseguirá se concentrar e não conseguirá iniciar o funcionamento cerebral, por que não fazer algo que também promova sua educação moral - da qual falaremos mais adiante - ? Que tal fazer algo que possa ajudar no desenvolvimento racional dela? Que tal fazer algo que possa promover mais empatia, mais senso de fraternidade, um senso de competitividade mais saudável e por aí vai? Ou seja, se possível, você já procura atividades que possam contemplar aquele universo de uma forma holística, vendo a própria cosmogênese daquele ser. Claro, respeitando até as suas inclinações.

Mas, cuidado com esse respeito todo. Como eu falei, o que a criança precisa? A criança precisa de um norte. A criança precisa de um tutor. O que eu vejo hoje, e é uma crítica fundamental minha, é o quanto que os pais não estão formados e, deliberadamente, abrem mão das suas responsabilidades e permitem que os filhos escolham os seus caminhos. Parece bonito, parece livre. Mas qual é o problema disso? É o mesmo problema de você ver uma matilha sem o lobo alfa. Será que tem problema isso? Cada lobo iria para um lugar, cada lobo iria querer caçar um bisão diferente, ia ter uma briga ferrenha para determinar quem iria procriar e quem não iria, iam ter lutas e

provavelmente aquele clã iria se extinguir. O lobo alfa faz com que os outros sigam o seu caminho e os orienta. O cachorro também funciona muito assim. Hoje em dia, com a humanização dos cães, você deixa o cachorro fazer tudo. Você humaniza e parece bonito. Como é cachorro, a gente não é um grande problema, mas os maus comportamentos começam ali. Por quê? O alfa tem um estresse maior. Então entenda que quando você não quer determinar a diretriz do seu filho, o que você está evitando, também, é a sua própria responsabilidade. Você está evitando um desgaste mental, você está evitando preocupação. Isso é problemático em todos os aspectos. Como a gente falou do Peter Pan, é agora colocar um filho no Peter Pan. Ele não sabe o que fazer, ele não quer fazer e ele não vai fazer. A criança fica sem rumo e isso aumenta o estresse dela. Você vê, hoje, o número de doentes mentais infantis crescendo. Não tinha isso. Hoje em dia, você vê depressão, ansiedade, o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), anorexia em crianças. Isso são sinais, provavelmente, de algum tipo de estresse que pode ser oriundo de ver um lar sem um líder ou, pior, de ver um lar que não só não tem um líder, mas em que a própria criança tem que liderar. Quando os pais são tão transtornados, tão instáveis que a própria criança se sente no dever de liderar uma família. Vocês imaginam o tamanho do estresse? Se é difícil para um pai, para um homem formado, imaginem para uma criança de cinco anos olhando e pensando: 'Meu deus! Não tem estabilidade nesse lar'. Lembra que a gente falou que a criança busca segurança, estabilidade? A criança olha para esse lar instável e pensa: 'Caramba, sou eu quem vou ter que ser'. Então, você vê crianças se tornando adultos em uma idade precoce, sem passar pelas fases para chegar lá e isso pode gerar um bairrada de uma destruição interna.

Estamos falando sobre as esferas físicas e um dos jeitos para você fazer isso é através do desgaste da energia, para gente começar a contemplar um pouco mais das emoções e da mente de uma criança. Uma criança cheia de energia não vai acessar as esferas mais altas dela. Assim como a gente promove a ascensão de um ser, a gente também promove a ascensão de uma criança dessa forma: de baixo para cima. Lembrando que eu falei sobre muita

coisa que era de cima para baixo. Quando a gente está pedindo as inspirações, quando a gente precisa das esferas mais altas, é de cima para baixo. Como foi dito, buscamos isso até na própria religião, nas próprias inspirações e na própria intuição. No entanto, a formação, não. A formação é totalmente de baixo para cima.

O primeiro ponto, não podemos deixar de ver, o quanto vamos precisar trabalhar tudo que é relacionado ao físico dessa criança. No início, a criança não caminha, não fala direito. A criança vai ter que começar a trabalhar o próprio equilíbrio, o refinamento dos movimentos dela, a organização dos movimentos, isso vai acontecendo até de forma natural, até o momento em que ela começa a ter um pouco mais de energia para que possamos adaptá-la ao esporte, a algo que tenha relação com suas tendências; cabe ao adulto decidir isso. Isso também vai ajudá-la em outras formações. A vitalidade dela, não é preciso dizer, já é formada, é até demais, excessiva. Algumas crianças são mais introvertidas, são mais calmas, não tem problema. Provavelmente, vão ter mais movimento na parte intelectual, em nenhum momento isso é ruim. Até os primeiros sete anos, a criança ganha também uma pontuação de coeficiente de inteligência (QI). Ninguém sabe exatamente como o QI se forma, ele existe, ele é importante. O QI é determinante em alguns fatores ainda. Existem muitas críticas sobre as outras formas de inteligência, o QI ainda é o principal fator, por incrível que pareça, e provavelmente ainda vai ser durante muitos anos.

Existe uma forte crítica quanto à inteligência emocional. Eu sei que, pelo Daniel Goleman, isso virou a verdade, mas não é a verdade. É para vocês, deliberadamente, duvidarem. Por quê? O que é a inteligência emocional do ponto de vista psicológico? É a própria empatia. E se você for uma pessoa cheia de inteligência emocional sem o discernimento moral e ético? Ora, você vira o presidente de um país e você é um sociopata. Você não liga para corrupção, você não liga para quem está sofrendo, você não liga para absolutamente nada, ou seja, você é um câncer na sociedade. Pera aí, para que eu quero inteligência emocional sem antes ter uma formação mínima de ética? Não faz o menor

sentido. E todo resto é sobre empatia, que entende por inteligência emocional a capacidade de se colocar no lugar do outro e de saber o que o outro está sentindo. Bom, isso é empatia. Isso já existia, só que com outro nome. Peraí, vamos com calma. Você cria isso? Sim, assim como você cria qualquer outra virtude. Você forma o mundo das virtudes. Na aula anterior, eu mencionei a história do Bhagavad Gita, um mito hindu que trata de uma pessoa que vem formando um exército ao longo dos anos, em outros termos, vem fortalecendo o exército das virtudes. Essa pessoa também conhece os seus inimigos, que são as suas inclinações, as suas paixões, os seus defeitos, e que são parte da família dele, ou seja, é algo muito íntimo dele.

A criança vai ter que ter noção sobre isso também. O que você quer quando você forma uma criança? Quando você está educando essa criança, qual o seu objetivo? Como eu falei, você está diante de um potencial, você está diante de uma semente. Portanto, os seus objetivos, quais são? Você quer formar essa criança para o que der e o que vier do mundo externo, do mundo alheio. Basicamente, você quer isso. Você quer formar uma pessoa que seja apta em um senso de autoeficácia para o que der e o que vier do mundo externo. Você quer preparar uma pessoa adulta que vai lidar com o mundo. Inconscientemente, você pensa que está preparando seu filho para isso. Mas, geralmente, o que as pessoas pensam? Eu quero meu filho rico, feliz e saudável. Geralmente, a gente pensa isso. Pode ver. Vamos pensar sobre esses objetivos. Na verdade, não é nem meu filho. Eu também quero para mim e para todo mundo, ser rico, feliz e saudável.

Quando a gente fala sobre riqueza, tem uma definição que eu acho sensacional. Qual é a definição de rico e pobre? Rico simplesmente tem mais do que precisa. Esse é o rico. Quanto? Não importa, ele tem mais do que precisa. E o pobre? O pobre é aquele que temos menos do que precisa. Quanto ele tem? Não sei. Entenda que quando a gente fala sobre rico e pobre, não tem necessariamente a ver com valor. Mas também não vamos entrar tanto na simbologia, na metáfora, para gente não deixar de contemplar um elemento que é importante, que seria a vida financeira.

Então, você quer um filho rico, feliz e saudável. O que acontece? Podemos fazer algumas críticas da riqueza, porque a riqueza - eu não sou tão fã o *Star Wars* assim, mas eu acabo falando nele - é igual o sabre de luz. Se você não souber usar essa ferramenta, você acaba se machucando. Nesse ponto, a riqueza é muito parecido com o sabre de luz. Em mãos corretas, a riqueza é ótima, pode ser um avanço na sociedade e pode ser um divisor de águas numa cura, numa pesquisa. A pessoa pode olhar e decidir que quer crescer e quer fazer a sua cidade crescer junto a ela. A riqueza te dá isso. Ela tem poderes inenarráveis. Por outro lado, a riqueza facilita a vida hedonista, facilidade a vida sexual e pode vir a trazer algum tipo de desgaste, algum tipo de inclinação, de desvirtuação do que realmente importa. A riqueza pode, por exemplo, te fazer escravo, porque, uma vez que tem dinheiro, você fica com medo de perdê-lo e se torna um avaro. Ou, ainda, você se torna obstinado em ganhar mais e mais dinheiro e nenhuma quantidade é o suficiente. Além disso, você pode começar a criar um novo medo de perder esse dinheiro. Ou seja, está vivendo a vida com medo. Sabemos que não podemos pautar a nossa vida no medo. O medo é um conselheirozinho. Por isso, quando pensamos em nosso filho rico, temos que tomar um certo cuidado.

No cristianismo, existe uma passagem bíblica que é sensacional: só se serve a um mestre. Quando você coloca o dinheiro como seu mestre, ih, você já não está servindo o propósito correto. Isso complica a vida de uma pessoa. Isso complicou a vida de muita gente no mundo e na história da humanidade. É difícil sair dessa escravidão do dinheiro. Então, tomem cuidado com o rico.

No entanto, preciso adicionar, que vemos a riqueza como um platô. A parte baixa desse platô significa que a pessoa ganha mal e, às vezes, é muito difícil a vida assim. Essa é uma parte que não queremos para os nossos filhos e não queremos para nós. Tem um certo platô que gera uma angústia muito grande. Claro que, quando você está na vida *búddhica*, naquela aceitação profunda que eu mencionei, você aprende a controlar o físico. Mas nem 1%, nem 0,1% das pessoas estão nessa vida. Os grandes yogis, os grandes mestres espirituais comem muito pouco. Parece que Gandhi comia apenas um

pouquinho de abóbora todos os dias. Não precisava muito, pois já tinha controlado. A verdade é que o corpo não precisa de muito, mas nós, que ainda não chegamos nessa fase *búddhica*, precisamos de um certo valor para ficarmos mais tranquilos e não tornarmos isso uma neurose dentro da nossa cabeça. Então, queremos nosso filho relativamente rico, sustentável, sem ser pobre. Se ele precisar, sentir, tiver facilidade: liberdade. É isso mesmo, vai lá e faz, porque é um sabre de luz e aquilo pode ser muito bem usado.

Saudável. Antes mesmo do temperamento, ganhamos um corpo. Às vezes esse corpo vem com defeito. Às vezes a nossa genética vem problemática. Às vezes a nossa genética vem com algumas inclinações. É claro que hoje sabemos que a epigenética não é uma sentença de doença e que conseguimos até mudar a área expressiva da genética, conseguimos ativá-la e inativá-la. No entanto, o corpo pode vir defeituoso, com algum defeito físico ou mental. Podemos, inclusive, ter algo que só vai se manifestar na adolescência, como é quase sempre o caso da esquizofrenia e da bipolaridade. Pode se manifestar antes, mas a maioria é assim.

2.5. As Emoções

A gente está falando das primeiras fases. O primeiro é o físico. Logo depois, a parte da energia, da vitalidade. Quando a gente entra na emoção, aí a criança dá as caras. Quando falamos de criança, a gente pensa em um ser emotivo. Eu tenho um sobrinho em casa de quatro anos, que é meu afilhado, e é complicado, porque a emoção é explosiva.

Vocês lembram como é a ascensão? A ascensão é uma espiral que vai diminuindo conforme o tempo. O início dessa espiral é a pura oscilação. E quem é que contém as oscilações? Os pais. Quando falamos do cérebro de uma criança, vamos colocar, a grosso modo - não é assim, a gente sabe -, que tem dois cérebros. Um deles seria o sistema límbico, emocional, que está responsável pelas emoções. Esse cérebro, que continua agindo quando somos adultos, é um pouco mais primitivo, vamos dizer assim, e é muito responsivo ao meio ambiente. Então, quem contém seria o córtex, o neocórtex, a parte

mais “nova” - não é bem assim, mas enfim - córtex cerebral, principalmente a área pré-frontal, que só vai se desenvolver de forma totalitária aos vinte anos de idade. Por isso, esse é um problema tanto da criança quanto até do adolescente. As emoções são excessivas nesse momento e é muito difícil de você usar a razão para essa criança. Muito difícil. Ela ainda não tem o domínio dos pensamentos que possam vir a frear o mundo das emoções. É uma vida caótica, é uma vida sofrida. Eu vejo tanta gente falando: ‘Ah, é tão bom ser criança’. Olha, é dual, é bom e é ruim. Vocês podem ver que, quando vocês pensarem na infância de vocês, é possível que vocês tenham algumas memórias amargas. Bastava um esporro dos seus pais, para gente querer, às vezes, morrer, para gente às vezes querer odiar todo mundo e amaldiçoar o mundo. Quando vezes a gente não perdeu o controle? Eu vejo meus sobrinho, às vezes parece um cachorro perdendo o controle, querendo bater. Isso não é gostoso, isso não é aprazível. Você imagina os mestres, sábios fazendo isso? É a última coisa que eles fazem. Então a gente coloca a criança no início do patamar da nossa evolução. E ela precisa ser simbolicamente, também, olhada como início da nossa evolução. Não vamos contemplar a criança, nem muito menos vamos botá-la no nosso caminho como meta. ‘Ah, eu quero ser tanto uma criança’. É a tal da história de “A caverna do dragão”. Eles ficam tentando voltar para o parque de diversões o tempo inteiro. Não vai voltar, não vai conseguir. No final, no último episódio, eles tiveram a opção de voltar e não voltaram, porque chegaram na oitava camada, o sentido deles é ajudar as pessoas. É assim que eles se expressam no mundo. A gente também não vai voltar, mas a criança está lá. Ela precisa desse norte, ela precisa que nós sejamos a estabilidade.

Então, imagina, para essa criança, o custo de ver um lar instável. Eu falei muito do que a gente espera da criança. A gente espera que a criança aprenda de forma lúdica, de forma cheia de movimento. Vocês têm que pensar muito em movimento. Você só vai pensar em colocar uma criança estagnada após o uso da energia dela, aí você consegue colocá-la de fato. Até porque, a criança não tem o discernimento do que é a vida do prazer. A criança busca o prazer

nas sensações. Ainda um pouco sobre neuropsicologia: quando você busca um prazer, tanto para criança quanto para o adulto, você tem um estímulo dopaminérgico. Quanto maior o estímulo dopaminérgico, melhor. A pessoa tem uma baita sensação de prazer.

Qual é o problema disso? É o fenômeno da tolerância. Crianças que são expostas a um prazer, que é um grande pico, sem esforço, ficam viciadas na facilidade. Vamos falar isso na próxima aula, mas é exatamente o que está acontecendo nessa geração. Hoje, a maior injeção de dopamina que você pode dar para uma criança é o videogame. O videogame e aqueles videozinhos em que as crianças estão viciadas. Assim como o adulto se viciou em substância, em jogos, no sexo, algo patológico, essas crianças estão desenvolvendo comportamentos patológicos. Como? Para o ser humano, qualquer tipo de prazer demanda esforço. Vamos dar um exemplo? Eu quero comer. O que você faz? Você tem que caçar. Você vai ter que colher, plantar, você vai ter que fazer esforço. E a vida humana sempre foi pautada, durante todos os milhares, senão milhões, de anos, em esforço. Agora que a vida ficou fácil. Agora, eu aperto dois botões e tenho comida do Ifood na minha casa. É assim, não tem esforço nenhum. Por exemplo, a pornografia. As pessoas vivem me perguntando: 'pornografia, sim ou não? É esse dano todo?'. O mecanismo da pornografia é exatamente esse. Eu tenho prazer sem esforço. Como era antes? Sozinho, eu tinha que imaginar uma situação que fosse me gerar excitação para conseguir fazer aquele prazer, aquela pulsão dopaminérgica. Com a pornografia não, passa direto, é um *by pass*. Então, tudo é fácil. A gente pode dar exemplos aos milhares. O que mais temos hoje são prazeres rápidos, imediatistas. Quando você bota uma criança perto de um videogame, perto de um videozinho daqueles, você está enviando a mesma mensagem: tenha prazer de uma forma direta, rápida, completamente imediatista e sem esforço. Essa criança vai ter um efeito colateral muito grave, que é o tédio. E o adulto também. Você pode questionar: 'mas não pode então Bruno, você é um radical? Não pode fazer nada?'. Evidente que pode, só que antes faz um esforço, qualquer um. Na internet, tem uma tabelinha qualquer que indica, conforme a idade da criança,

quais as atividades você já pode fazer com ela, no que a criança já pode ajudar em casa. Lembra que eu falei que a gente pulsa, há uma gana dentro de todo mundo, não tem uma pessoa que não tem isso, por independência? Então, a gente trabalha esse senso de autoeficácia na criança. Você quer dar prazer, a criança quer ter prazer? Não tem problema nenhum. Aproveite e já aprenda a fazer algo por si mesmo. No futuro, faça algo pela casa. Você pode premiar, pode premiar à vontade. Você pode premiar com o que você achar que deve, com os seus valores. Você quer premiar com dinheiro? Ótimo, a pessoa vai aprender a investir. Você quer premiar com um jogo? Tudo bem, beleza. Talvez coloque algo mais informativo, educacional.

Como você educa a criança? Falamos sobre os objetivos. Ser rico, saudável e feliz. Já abordamos o rico e saudável. O feliz, todo mundo quer. O que podemos falar sobre felicidade? Se tem uma regra sobre felicidade - igual ao clube da luta - é que você não fala sobre felicidade. A regra da felicidade é essa. Você tem a felicidade como um brinde, uma conquista, uma consequência de bons atos. Quando você pensa 'tudo que eu faço é para ser feliz', você vai acabar entrando em um viés egocêntrico, egoísta. Você vai se tornar uma pessoa, provavelmente, hedonista e aumenta a sensação de descontentamento com a vida. A felicidade é um prêmio de quem já está lá em cima. Até lá, o melhor que você pode fazer é o contentamento, que é o que eu chamei de rico. Ele tem mais do que ele precisa. Eu não estou falando de números. Podemos até esquecer a palavra rica. Vamos pensar o contente. Ele é satisfeito com o que ele tem, ele é satisfeito com as conquistas anteriores. Por outro lado, se se trata de uma criança que não tem conquistas, está tudo bem ser insatisfeito, porque isso vai servir de motor para você conquistar suas batalhas. Eu conheço uma série de adolescentes que se queixam de baixa autoestima. Eu falo: 'talvez seja bom vocês terem baixa autoestima'. Claro que, em algum grau, não em todos os graus. Não uma baixa autoestima em que a pessoa não entendeu ainda o mínimo da dignidade humana, talvez não o grau em que não consiga entender que existe uma curva sobre beleza, sobre popularidade. Existem outras coisas ligadas à autoestima, mas essa insatisfação com as suas próprias conquistas e

vitórias serve como motor para você atingi-las. Isso é ótimo. Que bom que temos isso! O contentamento precoce pode ser algo que leve a pessoa à inércia. Nós podemos olhar e nos contentarmos com tudo que temos de natureza, sermos gratos por tudo que temos, pela felicidade de termos nascido na família em que nascemos, e percebemos que há pessoas em situações muito piores. Isso tudo é muito bem-vindo. Mas temos que ter aquela dose de insuficiência e saber usá-la como motor.

3. OS MÉTODOS

Quais são os métodos que usamos para podermos educar uma criança? Como uma criança aprende? Há pouco, eu falei para vocês que a criança ainda não tem o discernimento da razão, ela não tem o pré-frontal em seu ápice, em seu pleno funcionamento. A criança está recém começando a fazer as conexões neuronais dela.

A criança aprende por imitação. Nós também, né. Quando somos crianças e olhamos para um adulto, ele é praticamente um Deus, é o dono da razão, é o dono da verdade. Então, os pais precisam ser grandíssimos exemplos. Não adianta falar com uma criança. Você entende isso? Não adianta falar para a criança comer legumes, salada e o feijão enquanto você está comendo um hamburger, injetando IGH e fumando um cigarro. A criança está vendo. Você está completamente fora daquele contexto educativo, minimamente.

Eu falei muito sobre a questão das simbologias. Digamos que você fale para uma criança que ela pode subir uma montanha. Aquilo não significa nada para ela. No entanto, se você leva a criança até a montanha e ela a sobe, ela nem entende muito o que está fazendo, mas, no inconsciente dela, ela fala: 'eu sou capaz de subir uma montanha'. É interessante que você exponha seu filho a situações em que possa promover o senso dele de autoeficácia. Por exemplo, quando a criança já entende o sinal verde e o vermelho, você pode pedir para que ela atravesse você um dia. Você não estaria abrindo mão da sua liderança. Você até pode falar que está fazendo um teste para ver se ela consegue fazer isso. Pode falar mesmo que é um teste, sem muita pressão. Coloque ela para

dobrar sua própria roupa. Ela pode dobrar tudo errado, mas isso é somente para começarmos a provocar o senso de autoeficácia, o senso de que ela é capaz.

Tudo que a gente fala sobre educação moral pode também ser feito para uma criança. Como? Falamos sobre o domínio das esferas inferiores, aquelas da personalidade para os hindus, do físico das emoções, da razão. Para isso, podemos ficar fazendo exercícios. Quando a criança se machuca, em vez de só desfocar, podemos tentar diminuir o componente emocional da dor. Isso é difícil, pois ela vai estar gritando, mas há técnicas para isso, até instintivas. Ao dar um beijinho no machucado, a mãe está mostrando que o amor cura a dor. Dependendo da idade, às vezes você pode fazer uma técnica de respiração. Técnicas são o que mais temos. Há técnicas para absolutamente tudo. Mas a criança tem que dominar um pouco das emoções. Então, ficamos fazendo brincadeiras nas quais essa criança começa a dominar as suas habilidades. Antigamente, hoje não mais, os desenhos eram dotados de vários sentidos de simbologias éticas. Aquilo ia passando e criava um senso moral, de uma certa forma.

A gente precisa discutir essa pequena frase, porque ela é importante. Não só eu sei, como muita gente já sabe, que quem chega primeiro na educação dos filhos tem maior apelo. Pensa bem sobre o que estou falando porque tem outras pessoas que sabem disso e vão tentar fazer com que desvirtuem seu filho. Então você tem que saber quem está dando aula para o seu filho. Estávamos conversando com o João Malheiro. Ele tem uma aula aqui na Brasil Paralelo. Assistam à aula, pois este é um homem que sabe muito. É uma personalidade nessa área da educação. Quando você abre mão da responsabilidade, pode ter certeza de uma coisa: outra pessoa vai vir e vai ensinar. Então toma cuidado com o que essas pessoas ensinam, porque para tirar da cabeça, o trabalho é triplicado. É muito mais difícil você desaprender do que você estar lá aprendendo inicialmente. Isso é cuidado gigantesco que você tem que ter.

A criança aprende por imitação, a criança aprende por inspiração. Assim como nós. Eu sempre fico imaginando: como seria se a gente entrasse nessa sala e estivesse o próprio Sócrates. O próprio Jesus. Como seria isso? O que acontece dentro da gente? Você pode ter certeza de uma coisa: no mínimo, você vai arregalar o olho e vai se tornar uma pessoa um pouquinho melhor naquele exato momento. Um grande mestre tem esse poder. Você se torna melhor em um segundo. Pela força da personalidade. Isso a gente fala muito. Em um consultório de terapia, é também o que cura. Muitas vezes é o que cura. Eu vejo muito psicólogo ainda na quarta camada. Eu vejo muito psicólogo ainda na quinta camada. Muitos. Eu dou aula para psicólogos. Eu dou aula de pós-graduação. E eu vejo psicólogos, às vezes muito mais velhos do que eu, tentando se impor, na fase adolescente, testando as suas próprias forças. É um pouco mais difícil. Você pode ter resultado no seu consultório? Claro que pode. Você vai para o mundo das técnicas e qualquer um pode saber as técnicas, mas não é o que eu gostaria de ter como guia dentro de uma terapia. A pessoa tem que inspirar. Eu fico imaginando um Sócrates na sala. Naquele momento, você já corrige sua postura e pensa: 'É, não vou falar nenhuma besteira, não vou fazer nenhum ato ridículo'. É o próprio Sócrates aqui nessa sala. Imagina a inspiração de um líder desse tamanho.

E por que não vocês, pais, que são Deuses perante os filhos, também não podem fazer a mesma coisa? A criança aprende assim. Ela aprende exatamente assim, por assimilação dos atos que ela emita, das inspirações que vem dela e do próprio senso de autoeficácia. Essa é a própria sabedoria. Ela pode ser colocada em qualquer ambiente que ela vai saber o que fazer. Ela se adapta. Na cabecinha dela, lá no inconsciente, ela fala: 'Eu já me adaptei outras vezes antes'. Por isso que a gente fala também para a criança ter um esporte que vá promover equilíbrio e consciência corporal, porque isso aumenta ainda mais o senso de autoeficácia.

Isso a gente fala até para adultos. Há muitas mulheres que optam por não fazer atividade física. Qual é a mensagem que você está dando naquele momento em que você não faz uma atividade física? Você fica, de uma certa

forma, sem a força da movimentação plena, porque você não sabe qual é a sua potência. Platão, por exemplo, na escola de formação humana, coloca a mulher para lutar. Qual é o pior que vai acontecer? Eu não estou dizendo que precise. Na minha opinião, eu colocaria. Isso não tem nada a ver com masculinidade. Até tem, mas, pelo menos, desenvolve um senso de movimentação, desenvolve um senso de consciência corporal, saber onde contrair, quando e por que, sabe qual o tamanho da sua força, e, de efeito colateral, ainda aprende a se defender. Isso diminui o medo dos homens, que mencionei na aula anterior, porque, como surge o medo que a mulher tem em relação ao homem, primitivamente? Teoricamente, porque o homem tem mais força muscular. Assim como o leão. As leas temem os leões, na maioria das vezes. Então, o que elas fazem? Elas se reúnem entre as leas, mantém os filhotes perto de si, porque um leão sozinho pode ser um estrago. Ele pode matar todos os filhotes, pode matar uma leoa. É um inferno. A força muscular dos membros superiores de um homem pode amedrontar uma mulher. Nos tempos primitivos, isso é algo que ficou claro. O soco de um homem poderia vir a matar uma mulher. Até hoje isso pode acontecer. Claro que tudo muda quando você tem uma mulher que faz atividade física, quando você tem uma mulher que sabe se defender, quando você tem uma mulher que se une com outras mulheres ou com algum homem. Há um casal, você forma uma família, um núcleo sólido. Ou até mesmo o advento da pólvora. O jogo muda. Isso é uma coisa totalmente contornável. O que estou querendo dizer? Não temos que viver pelo medo e não temos mais a obrigatoriedade de viver pelo medo. Nesse mundo, não. A gente não precisa mais. Antigamente, sim. Antigamente, muito antigamente, éramos um bicho fraco. Não dominávamos nada. Éramos herbívoros que apanham de pelo menos uns dez outros animais. Nem plantar, plantávamos nessa época, colhíamos. Depois é que a caça começou. Há as teorias. E fomos nos tornando o topo da hierarquia. Mesmo assim, outros seres humanos eram amedrontadores. Se você for pensar num nível global, nacional, ainda são. Você pode ter uma guerra. É um pouco mais difícil, um

pouco mais raro, mas ocorre de vez em quando, está ocorrendo, mas aqui, nesse momento, é algo que não é um grande risco.

2.7. A educação de meninos e meninas

Falamos sobre a diferença na educação com base nos temperamentos. Eu também gosto de falar na diferença da educação de menino para menina. Será que tem? Será que é diferente? Será que é igual? Será que deve ser diferente? Olha, eu gosto sempre de começar dizendo que eu não sou *expert* nesse assunto, então, mais uma vez, recomendo o João Malheiro. Cada um vai ter a sua vertente, a sua opinião, porque a sociologia não é matemática. Mas eu quero convidar vocês a esse pensamento aqui.

Existe um conto dos irmãos Grimm de 1700 que se chama “João de Ferro”. A história é a seguinte:



Havia, num reino antigo, um monstro muito amedrontador que desaparecia com os homens daquela aldeia. O rei mandou capturar ou matar esse monstro, mas ninguém conseguia fazer isso pois o homem ou sumia ou era comido por ele. Esse monstro vivia dentro de um lago. Um dia, um jovem guerreiro declara ao rei que vai capturar o monstro. O jovem consegue esvaziar o lago - o qual também tem a sua simbologia, do inconsciente - e capturar o monstro. O monstro está todo coberto de pelos, sendo que esses pelos são um símbolo da masculinidade selvagem. O jovem guerreiro o aprisiona em uma jaula e o coloca em seu pátio. Um dia, no pátio, o filho do rei

estava brincando com uma bola de ouro - bola de ouro é algo extremamente valioso, vamos chamar isso aqui da própria inocência dele, a ingenuidade da criança -, quando ela, rolando, caiu dentro da jaula do monstro. O monstro é chamado de João de Ferro. O filho do rei se aproxima da jaula e diz: 'João de Ferro, por favor, devolva-me minha bola' e o monstro lhe responde: 'Eu lhe devolvo a bola, mas, para isso, você vai ter que abrir a jaula para mim'. O menino retruca que não vai abrir a jaula para ele e vai embora. Essa mesma cena se repete inúmeras vezes. O menino falava: 'Por favor, João de Ferro, me devolva minha bolinha de ouro', no que o monstro lhe respondia: 'Claro, mas antes me liberte'. Até que, certa vez, o menino lhe diz: 'mesmo que eu quisesse te liberar, eu não tenho a chave'. João de Ferro fala: 'A chave está debaixo do travesseiro da sua mãe, você terá que roubá-la, você não pode a pedir'. O menino fica pensando sobre isso. Esses diversos encontros são os diversos encontros que o menino tem com a masculinidade dele. Ele não sabe se quer, se vai. Aí, um belo dia, o menino toma coragem, vai até o travesseiro da mãe e rouba a chave.

O que é isso? A mãe, por mais que seja sábia e amorosa, tem que romper com o filho, assim como a criança tem que romper com a mãe, principalmente o menino. Existe o complexo de Édipo freudiano e ele está muito atrelado à mãe. Como Freud dizia - eu discordo -, quase como uma relação amorosa. Quer dizer, é uma relação amorosa, mas não sexual. Ele tem que roubar a chave, não pode pedi-la. A mãe jamais daria, por mais sábia que ela fosse. Algo no instinto dessa mãe quer manter o menino, menino. De todas as mães. O menino tem que conquistar, tem que roubar, tem que romper de forma agressiva com a mãe. A mãe vai ser contra isso.

A única mãe que eu vi que não foi contra foi naquele filme "300" de Esparta, do Leônidas. Aquela mãe era brava. Aquela era uma colérica brava. O rei Leônidas, criança, tinha que ir para vida dele. Ele tinha que ser testado, conviver como selvagem, para depois voltar e se tornar rei. Se ele morresse, não servia para ser rei. Todo mundo esperava o desespero da mãe e, se você for

ler na história, naturalmente esse processo era pesado para mãe, mas a mãe do Leônidas não. No filme, pelo menos, ela diz: 'É preciso. É necessário'.

No "João de Ferro", o menino, um pouco mais velho, para lá dos seus doze anos, rouba a chave, abre o João de Ferro e fica desesperado. Ele pensava: 'E agora? Ninguém mais vai me aceitar na sociedade!'. João de Ferro fala: 'É verdade...'. Assim é a masculinidade. Vai ser sempre mal visto. É algo que é perigoso, agressivo. O ser humano, o homem, é uma das maiores potências da agressividade, principalmente quando se une com outros homens, sobretudo se forem armados. É um problema, é perigoso mesmo. João de Ferro prossegue '... mas, se você vier comigo, você vai ter o maior dos maiores dos prazeres, acima de qualquer ouro, acima de qualquer alegria que você possa experimentar. Você vai ter que ir comigo e a gente vai para o mundo'. Ou seja, quando o menino se torna homem, ele vai para o mundo, ele rompe com a mãe. A mãe e o pai não mais aceitam ele, pelo menos em alguma esfera.

Isso não acontece no mundo feminino. Como eu disse aqui, o rompimento é necessário. Mas o rompimento da mulher é um pouco diferente. Como eu também falei na outra aula, a vagina acolhe. Vagina envolve. A vagina seria o graal amoroso. A menina tem pelo menos uma passagem que já é fisiológica, que seria a menstruação. Teoricamente, simbolicamente, isso já remete à maturidade. E a maturidade feminina é algo muito mais ligado à natureza. Claro que vemos meninas imaturas, mas quando estão em um ambiente familiar fisiológico normal, esperado, saudável, geralmente, amadurece muito antes do homem. Outra, ela também tem o poder de amadurecer o homem, simplesmente por existir. O menino imaturo poderia permanecer imaturo. O Peter Pan poderia permanecer Peter Pan, a não ser pela mulher. Quando ele olha a mulher, fala: 'Opa, então eu tenho que tomar banho.' ou 'então eu tenho que ganhar dinheiro' ou 'então eu tenho que estudar' ou 'então eu tenho que me limpar'. E é isso que queremos do menino e da menina. Autoeficácia. Por isso, é bom fazer com que tentem cuidar do seu corpo, tentem limpar a sua sujeira, tentem colocar a própria comida e limpar o próprio prato. Você também pode colocar a criança para apertar o botão da

máquina de lavar, para que lave a roupa. Não tem problema. Autoeficácia. A mulher provoca a autoeficácia no homem. Não fosse a mulher, homens seriam selvagens. Se existissem, os homens seriam selvagens.

Nesse momento, fica claro que a formação do homem e da mulher é diferenciada. O menino vai com o João de Ferro, o menino se apodera da sua força masculina, torna-se uno, torna-se completo. Nisso, falamos na formação de personalidade. O Jung falava muito da incorporação do sexo oposto dentro de si. Incorporar a *anima*, o lado feminino. Mas, antes, se você for homem, você precisa incorporar o seu lado masculino e se apropriar verdadeiramente dele. E o que é ser homem? Aí entra outro debate filosófico que não teremos tempo para falar, mas o homem é pautado no sacrifício e no dever. Como eu falei, o homem é a simbologia do falo, do pênis. Ele é o que se arrisca, ele é o que busca, ele é o responsável, ele é o que pode vir a liderar e todas as consequências disso.

'Ah Bruno, mas você é radical?'. De jeito nenhum. Se a mulher quer trabalhar, que trabalhe. Eu não tenho nada contra isso. Isso é natural, já está acontecendo, já aconteceu e não há quem esteja contra. Eu só sou a favor da liberdade. A mulher não quer trabalhar? Ela também tem direito se ela não quiser. Não vai ficar sendo taxada de dona de casa. Eu acho isso errado. E se ela quiser trabalhar meio período? Boa solução. Vamos tentar. Se você quer fazer os dois, faça. Às vezes a pessoa quer. E mulher líder? Ué, claro. Tem excelentes mulheres líderes. Mulher é uma líder nata. Então, antes que esse papo soe para alguém algo radical, enfim, não é.

Mas, se o homem não libertar o João de Ferro, aí sim é patológico. Aí eu sou terminantemente radical. Homens têm que se tornar homens. Sabe aquela brilhante frase - o pessoal odeia quando eu falo - que diz 'vira homem'. Olha, é interessante, porque homem não nasce. Até os doze anos, geralmente, o homem está no campo feminino. A sua voz é feminina. O seu corpo é feminino. Ainda não há a força, o músculo, a estabilidade, a capacidade de se arriscar de um homem. Então vira homem, e aí sim eu posso falar sobre masculino, esse virar homem poderia servir para algumas mulheres também,

pode ser dado outros nomes: vire um pouco mais duro, seja um pouco mais resiliente, seja um pouco mais intempestivo. Não sei, pode dar outro nome. Mas esse 'seja homem' é a transcendência do menino para o homem.

Tem um porém aqui. Eu falei que o menino rouba a chave da mãe e abre a porta, mas o homem que ele libera, o João de Ferro, o monstro, pode ser uma pessoa externa. E aí eu quero explicar uma coisa para vocês. Somente um homem emancipa um menino. Uma mulher não pode transformar um menino em homem. Ela não tem esse poder, por mais que ela queira. Essa transformação, essa passagem somente pode ser feita por um homem.

E aí a gente entra num debate bem polêmico, que é a ausência do homem dentro de casa. Vamos falar sobre isso agora. Só um homem inicia outro menino para um homem. Se você não tem o marido em casa, busca o padrinho, o tio, o avô, o professor de judô, um bom professor que ele tenha, senão não vai funcionar. Essa passagem do homem é a mudança, é a saída da quarta camada, a saída da camada na qual a criança ainda se vê como um rei, se vê ainda como aquela criança mimada que quer tudo no tempo dela, na hora dela e ela tem o aval, o acolhimento de todos os sofrimentos pela mãe. Ela chora, a mãe ampara.

Nesse momento, se for mulher, o homem deve apresentá-la um pouco ao mundo masculino. Se for menino, deve apresentá-lo muito para o mundo masculino. E não é que o homem vá matar o seu lado feminino ou que o lado feminino dele vá morrer. Não é isso. O homem vai primeiro incorporar o lado masculino para, depois, adquirir a *anima* dentro dele, que é o lado feminino dele. Ao mesmo tempo, o homem também tem que matar a ideia de que sua mãe é a Virgem Maria, de que sua mãe é o Centro Santo, o Centro Sacro que tem na sua vida, porque, se não fizer isso, ele vai ver as outras mulheres dessa forma. O problema é que elas não são dessa forma, elas são seres humanos, cheias de dificuldades, anseios, cheias de desequilíbrios - até mais do que o próprio homem, por conta dos hormônios e de um mundo mais astral, mais emocional. Nisso, se estivermos atentos, também conseguimos ver - esse assunto é extremamente polêmico, portanto, não irei me embrenhar nele - a

ascensão do aumento da homoafetividade. Ora, vamos pensar. Excetuando-se o homossexual que já nasceu assim, é natural, paciência, aceita. Se ele quiser lutar contra, é uma escolha dele, não temos que nos meter nisso. No entanto, eu vejo um aumento cultural da homossexualidade ou de tendências homossexuais, experiências homossexuais. Quando o homem se relaciona com a mulher, o que acontece? Filho. Qual é o nome disso? É a Uni, é a própria responsabilidade. Você lembra o que eu falei da Uni? A Uni é a simbologia da criança, que não permite a volta para o parque de diversões. Quando homem olha para uma mulher, vi ali maturidade. Claro que, com os métodos anticoncepcionais, há o advento do que eu chamo de masturbação com o corpo dos outros. Você transa com centenas de pessoas. Aquilo é uma masturbação, só que com o corpo dos outros. Você está usando o corpo de outra pessoa, mas é uma masturbação. No entanto, estou me referindo ao sexo de procriação. A mulher força o homem a uma responsabilidade. Uma pequena parcela do aumento da homoafetividade seria a evitação da responsabilidade, pelo menos para o homem. Talvez até para a mulher também. Já que uma relação heteroafetividade pode gerar filhos e filhos dão trabalho, custam caro. Mas não vamos entrar nesse ponto.

2.8. Presença Paterna

Quero dar continuidade à presença e à ausência do pai dentro da educação. Hoje, o que mais acontece são mulheres, mães, solteiras. Será que tem problema ou será que não tem? Eu quero ler algumas estatísticas.

71% dos jovens que largam os estudos não têm pai em casa.

63% dos jovens que se suicidam não têm pai em casa.

90% das crianças de rua não têm pai em casa.

85% das crianças com desordens de comportamento não têm pai em casa.

81% dos estupradores não tinham pai em casa.

85% dos presos jovens não têm pai em casa.

71% das grávidas adolescentes não têm pai em casa.

Se houver um pai em casa, diminui em 40% a chance de repetir de ano na escola.

Se houver um pai em casa, diminui em 70% de largar os estudos.

O pai é importante? O que vocês acham? Esses dados não mentem. Eles são de uma fonte séria. Com o pai presente, nós temos também um símbolo, que é um símbolo importante para nós. O que o pai faz? Ele é o limite. Basta estar em casa e não ser um frouxo completo que você está fazendo com que sua filha ou filho tenha um melhor comportamento. Olha que coisa interessante: não é a falta de educação que leva à criminalidade, é a falta de um pai. Isso aqui os estudos mostram. Você pode ser super educado, com ensino superior, e ser um criminoso. Temos vários exemplos, até na política. É uma coisa a se pensar, porque a crítica é sociológica. Começamos a pensar: 'Da onde veio isso? E o advento?'. Se você parar para pensar, principalmente nos doze primeiros anos da criança, o pai quase sempre era ausente, ele estava trabalhando. Depois do advento da revolução industrial, mais ainda. Antigamente, a família trabalhava junta no campo, arando, cultivando, eram caçadores-agricultores. Então, a criança sempre estava perto da família. Após a Revolução Industrial, o pai passou a fazer jornadas de doze a dezesseis horas por dia, e era basicamente só o pai, e as crianças começaram a ser cuidadas somente pela mãe. Isso tem toda uma consequência até hoje.

O que aconteceu nesse meio tempo? O pai saiu da figura. A mãe tem os seus motivos para ser ressentida com o pai. A mulher pode ser ressentida por outros motivos, vamos falar depois disso, mas pode fazer, nesse momento, uma alienação, tirando ainda mais o pai da jornada. O que a gente fazia antigamente? Era um rito de passagem. Todas as tribos fazem. Havia um rito de passagem marcante para o menino, no qual tinha que provar a sua força. Ele saía do reino feminino e passava, com muita dor para a mãe, para o reino masculino. O que ele tem ali agora? Ele tem um senso de dever. Agora, ele faz parte de um clã, faz parte de uma sociedade em que o valor dele é inexistente.

Antes, ele tinha valor para mãe, independente do que fizesse. A mãe o amava - e vai continuar amando. Agora, nesse clã novo, nesse novo mundo, ele tem que conquistar o seu valor através da função, através do seu trabalho. É diferente. É um outro mundo. É um outro mundo que demanda maturidade, resistência, resiliência, mas que é muito bom, é a própria verdade em si, não tem outro caminho.

Eu vou até falar sobre qual é o outro caminho. O outro caminho é o que hoje as pessoas chamam de masculinidade tóxica. Esse caminho é a não-aceitação do lado feminino, em si. É a não-passagem para o lado masculino. Se o homem não aceita o lado feminino em si e fica vendo a mulher como a perfeita, como a santa, uma das primeiras coisas que acontece é o homem se tornar inseguro. Essa insegurança torna o homem terminantemente agressivo, porque a mulher, nesse contexto, representa um risco para ele. Quem é o combustível disso? O combustível disso é a sensualidade. Como esse homem, ao olhar para uma mulher, não se controla, ela se torna um risco, pois exerce um poder enorme sobre ele. Quando esse homem vê uma mulher bonita, ela tem todo poder sobre ele, ele não se controla, ele é escravo. Como não tem chance com essa linda mulher, ele olha para ela e pensa: 'Puxa vida, essa mulher é uma santa!'. Só que essa mulher não é uma santa. Ela está nos processos dela. Isso dói nesse homem. Doeu nele? Causa ressentimento, raiva. Toda essa raiva é então voltada para o feminino. Isso é o que posso dizer sobre masculinidade tóxica, é um homem que não atingiu as duas esferas: nem da própria masculinidade e nem aceitou a *anima*, o feminino dentro de si. Coitado desse cara, porque ele está sofrendo. Esse masculino tóxico de que falam, está em pleno sofrimento. E sabe o que ele faz? Causa mais sofrimento ainda. O que temos de fazer? O primeiro passo é trazê-lo para o masculino.

Vamos falar sobre todo esse comportamento real masculino. O que é a representação do arquétipo de um homem inicial? Vocês lembram da aula anterior? O primeiro arquétipo, que é da passagem, é o arquétipo do guerreiro. Quando você pensa em guerreiro, em quem você pensa? Vamos nos comportar como tal. O guerreiro não reclama e não se queixa. O guerreiro

aguenta muita, muita coisa. Ele não fica chorando porque está chovendo ou porque está frio. Isso quem faz é o masculino tóxico. O guerreiro não vê uma pessoa que está passando necessidade e não se sacrifica, pois o autossacrifício é ligado à masculinidade. Portanto, se fossemos falar sobre um homem formado, não existiria esse termo 'masculinidade tóxica'. Teoricamente, ou o homem é masculino ou é tóxico. Isso acontece. Eu vejo. Há um monte de homens inseguros. Claro que a mulher também tem essa insegurança, que é inata. Eu não sei se vocês sabem disso, mas a mulher faz muito mais ansiedade e depressão do que o homem. Um dos motivos é aquele que mencionei sobre o medo do homem. Esse é um medo instintivo, está lá no nosso DNA. O homem também tem medo de homens mais fortes. Claro que contornamos isso. Esse homem pode aprender a lutar, pode se justificar pela lei, pode chamar a polícia ou ter uma arma. Eu não sei exatamente o que ele vai fazer, mas são esferas racionais, não-instintivas. Por exemplo, você tem um macho de 45 kg e outro de 130 kg de massa, é complicado. A mulher tem a insegurança inerente à feminilidade. O homem que não se domina, teme a mulher. Perceba o real perigo. Qual o real perigo? O real perigo é quando homens fortes, sem formação ética, se unem. Se eles tiveram formação ética, ótimo. É o que a gente mais quer. Homens fortes reunidos. Isso é perfeito para nós. É uma força monstruosa. A sociedade anda. Constrói-se uma empresa forte, muda a vida das pessoas. Esses homens, teoricamente, já dominam um pouco dos seus instintos, então eles não temem a força da mulher, que seria uma força da sensualidade. Hoje, vemos na internet e não só na internet, na televisão também, na capa da Forbes, agora, inclusive. Não é totalitária, mas há um apelo sexual gigantesco. Só se subjuga quem for escravo. O poder da mulher é opcional para o homem. A verdade é essa. Por outro lado, o poder do homem não é opcional. Tanto é que o João de Ferro ficava dentro de um lago, depois ficou preso e depois teve que fugir.

Vamos finalizar a história do João de Ferro para vocês não fiquem curiosos. O menino já se tornou adolescente e João de Ferro fala para ele - como se fosse uma espécie de tutor, de Mestre dos magos - : 'Eu vou para a

floresta, mas eu estou sempre contigo. Sempre que você precisar, você fala meu nome três vezes que eu apareço'. Toda vez que ele estava sob alguma dúvida, algum perigo - quando estava em combate ou quando estava conhecendo alguma donzela -, ele falava 'João de Ferro, João de Ferro, João de Ferro'. O João de Ferro vinha e o ajudava de alguma forma indireta. Esse adolescente ia passando as suas etapas e cada etapa tem a sua simbologia, que é basicamente a história das camadas e o João de Ferro, a masculinidade natural, a masculinidade conquistada, a masculinidade pura, ajuda o homem nesse caminho. Evidentemente que ele também se une com uma mulher que também já está formada, que é uma mulher já pronta para o arquétipo da matriarca. Eu não estou dizendo que necessariamente precisa ter filho. Não é isso. Óbvio que não, mas são arquétipos. A mulher madura, a mulher que já está em um nível de consciência que já não é mais adolescente e imatura.

2.9. O objetivo final da educação

Nesse momento, ocorre a união dos seres, dos pais - a qual abordaremos na aula seguinte -, isso é o que vai fazer a boa formação de uma criança. Eu mencionei os objetivos iniciais: ser rico, saudável e feliz. Comentamos que fazemos isso através das atividades, através da identidade, através da imitação. Toda essa volta para chegar qual o objetivo final quando você quer formar uma criança. O objetivo final ao educar uma criança é, assim como educar os adultos, formar a consciência. Lembram da consciência? A consciência é o domínio de si. Tudo que você quer é que essa criança se desenvolva, seja dona de si mesma, conheça suas inclinações, todas as suas forças e possa travar aquela batalha mental sobre a qual falamos em nossa aula anterior. Você abre caminho para a criança de um ser e você dá todas as armas que você puder para essa criança, que é exatamente o que o Mestre dos magos fez com os meninos de "A caverna do dragão". Você fomenta esse caminho e serve como guia. Isso pode ser feito com qualquer criança. Isso pode ser feito com crianças de qualquer idade. Claro que o que você precisa fazer vai depender - assim como no adulto - de cada fase da criança. É óbvio que uma criança de dois anos

não é igual a uma criança de dez anos. Em cada momento, você terá que ir no seu esplendor da sua formação de personalidade, para perceber e saber onde a criança está e a elevar.

4. PERGUNTAS

- 1) Eu tenho uma dúvida e queria saber sua opinião. Você acha que a criança nasce como um papel em branco ou já existe algo inerente a ela, se o socioconstrutivismo afeta boa parte da formação da criança ou existe algum código genético nato dentro dele e ele acaba descobrindo sua essência por si só ou isso é construído pela sociedade?

Basicamente, o que vem de fábrica e o que a gente instala. O que vem de fábrica? O código genético - que hoje sabemos que é mutável; o temperamento - sabemos que conseguimos mudá-lo; o caráter - sobre isso os autores divergem. Eu sou super a favor da mudança do caráter, mas é bom que a gente use o caráter como algo rígido, pelo menos para nos guiarmos; a essência - foi como eu falei, é o eu substancial. Essa essência não muda, é imutável.

Essa essência vem de fábrica e aí, nesse momento, alternam-se as visões cosmogênicas desse assunto. Os reencarnacionistas afirmam que isso já vem de muitos e muitos anos. Os não-reencarnacionistas apontam que a essência nasce no momento da concepção. Isso não tem como sabermos, ainda. Do ponto de vista dos reencarnacionistas, não há muitos indícios, a não ser pela hipnose. Há trabalhos com hipnose que corroboram que as pessoas conseguem regredir à mente até antes do próprio nascimento, antes mesmo da vida intrauterina. O ser vê imagens e nós não sabemos o que elas são. Podem ser imagens do inconsciente, podem ser imagens de um filme que a pessoa viu, podem ser vidas passadas. Aí você se reserva, na sua sabedoria, à dúvida.

Além disso, há o QI, que ninguém sabe como se forma. Há alterações de QI expressivas no mundo e não se sabe se é algo relacionado à alimentação ou a algum outro fator ambiental. Ninguém sabe. Ou se está ligado, por exemplo, a estímulos. O menor QI é na África. Infelizmente, quando falamos disso, muitas pessoas ficam bravas. No entanto, é um estudo bem fundamentado. Na

África, também temos uma diminuição de educação, também temos uma escassez de vitaminas e minerais. Isso pode vir a contribuir. O QI mais alto seria dos povos orientais. Em segundo lugar - que eu acho um erro terem dividido dessa forma -, é o do povo judeu. Judeu, para mim, é caucasiano, mas os pesquisadores estabeleceram essa distinção. Definitivamente, existe essa hierarquia. Essa hierarquia é mínima, mas existe. O QI é desenvolvido nos primeiros sete anos. A essência é aquele aspecto difícil de estabelecermos. É preciso estar na identidade ou nas camadas superiores para poder calar a própria mente e os pensamentos, e para conseguir contemplar um pouquinho a essência. Até porque, mesmo quando você está contemplando a sua essência na própria meditação, nesse momento, o que você está fazendo é experimentar o seu eu essencial com o seu eu mental, com a sua mente racional. Nunca vai experimentar o eu essencial na totalidade. Isso se reserva para um pós-morte. William James fez um estudo forte acerca de experiências de quase-morte e fez experiências sobre reencarnações. James, que era um cientista, tentou usar a metodologia científica e deixou uma obra vasta. São doze livros, muito interessantes, dos quais ainda não consegui ler um terço. Isso é algo que vem sendo estudado na psiquiatria.

Então, é muito difícil dizer o que vem de fábrica, a gente não sabe. Você tem, terminantemente, metade do código genético da sua mãe e metade do código genético do seu pai. Contudo, sabemos hoje, com a epigenética, que muda. Portanto, nem isso é predicativo.

Agora, quando você encontra uma criança de três anos que toca a Nona Sinfonia de Chopin inteira, você se questiona se ela veio com uma facilidade gigantesca nesse nível. É algo a se pensar. Qual foi o grande experimento que trouxe uma pulga atrás da orelha para aqueles que não são reencarnacionistas? Foi o caso de mais de dez crianças que documentaram experiências da vida passada e que tinham lembranças de detalhes sobre nomes de soldados, lugares, etc., que, quando foram averiguar, existiam mesmo. Isso suscitou o questionamento: como uma criança soube disso? No entanto, isso é outro assunto que não liga muito na parte da psiquiatria. Nós

não precisamos saber disso. Para ser bem sincero, isso é completamente irrelevante. Sabemos que tem um fator que já vem de fábrica e a maior parte, eu diria 90% - excetuando-se o eu substancial, que é permanente, que é o mais importante, que é a base de tudo - é instalado. Sobre o eu substancial, ele é você de fato. A gente chama isso daquele triângulo de cima, que é o triângulo espiritual ou identidade. Esse é você de fato. É um espírito vivenciando uma experiência de carne. Nem por isso, a carne é menos importante.

2) O que acontece quando uma criança é privada da experiência de iniciar a masculinidade ou, então, quando ele rejeita essa experiência, ele rejeita a própria masculinidade, não necessariamente como um homossexual, mas como homem?

É o Peter Pan. Toda história do Peter Pan, em ambos os casos. Se ele rejeitou a masculinidade, seja pela opção sexual ou não. Porque isso, para adolescente, é uma confusão. Ele tem que fazer uma opção. Geralmente, ele vai pela própria fisiologia dele, mas, cada vez mais, está ficando confuso nesse momento de escolher a sexualidade. Um dos motivos é exatamente a aversão à responsabilidade, que é o mundo masculino.

Quando um homem opta por não ir para o mundo masculino, ele permanece no mundo feminino. Teoricamente, é onde o Brasil se encontra. Esse mundo é o mundo da quarta camada, é o mundo onde tudo dói, é o mundo no qual você se sente ressentido. Eu não estou dizendo que as mulheres são assim, mas é o mundo feminino do ponto de vista dessa transição. Falamos que o mundo é dual. Você tem o lado amoroso, mas você tem que ter o outro lado, agressivo. O pênis e a vagina. Isso são símbolos. Há mulheres tão duras ou mais do que homens. Isso é muito comum. E não é só sobre dureza, já vimos isso. A dureza é própria da quinta e da sexta camadas, entretanto, na sétima camada, não falamos mais sobre dureza, pois se trata de uma personalidade que está bem firmada dentro dos seus papéis. O próximo arquétipo é o do imperador, é o líder, é o que se sacrifica. Do lado da mulher, é o arquétipo da imperatriz. O próximo arquétipo é o do sábio. Para que o sábio vai querer ter agressividade? O sábio já entendeu o mundo, ele não precisa. O sábio só vai ser agressivo se

for realmente necessário. Vemos que o mundo, principalmente no início da vida, demanda um pouquinho de agressividade. E o que acontece com uma pessoa que se recusa a evoluir para próxima camada? Tudo dói, tudo lhe machuca. É o mundo do Schopenhauer, dos porcos-espinhos. Todo mundo se machuca. É terrível isso. Eu não estou dando a mínima se você é um porco-espinho, eu vou te ajudar, porque eu posso, porque não sou feito de balão, eu tenho uma personalidade formada. Eu tenho a força para te ajudar. É aquela história do sapo ajudando o escorpião. O sapo vai lá, ajuda o escorpião e este o pica. O sapo então diz: 'é da minha natureza ajudar e é da natureza dele picar'. Teoricamente, para o sapo dizer isso, tem de ter uma casca tão grossa que a picada do escorpião não doa nada. Imagina se eu fosse ficar me doendo porque alguém está sofrendo no meu consultório. Eu não chego no final do dia. Ali só tem pessoas que estão sofrendo, que estão dolorosas. Claro que necessariamente na esfera emocional. No caso do consultório, estamos falando de pessoas doentes, patológicas. Isso pode ser em qualquer esfera, até na física. Eu vejo casos de depressão que são causados por hipotireoidismo. Físico tem que ser clínico. Remédio é clínico, não tem como inventar moda ali e dizer que a pessoa precisa trabalhar sua sabedoria. Ela está com hipotireoidismo. Sabedoria do quê?

Mas, voltando, quando a pessoa se recusa a evoluir, permanece num estado infantil. No estado infantil, é montanha-russa, é o parque de diversões. É oscilação total, é sofrimento. Como vimos, a criança é completamente instável. Ela oscila dentro da espiral, não consegue se manter num eixo. É muito difícil crescer assim, é muito difícil tomar boas atitudes assim. É o próprio Peter Pan. Ninguém quer saber do Peter Pan, só a Sininho, que não existe. A Wendy, todo mundo ia crescendo na história, menos ele. Ele queria ficar ali, morrendo de medo do Capitão Gancho. O Capitão Gancho é o adulto. Por que Peter Pan ia ter medo de um adulto se não fosse por isso? Peter Pan tem medo da responsabilidade. E essa é uma das coisas mais feias e mais terríveis que pode acontecer para o ser humano, é se manter no mundo infantil. Para vocês entenderem, é como se você tivesse uma serra elétrica e

estivesse tentando derrubar uma árvore com a unha. É de uma ignorância gigantesca. É definitivamente tentar correr com os olhos vendados. É a metáfora do Platão, da biga, que eu mencionei na aula anterior. A carruagem seria o corpo físico, os cavalos seriam as emoções e instintos, e as rédeas seriam os pensamentos e o cocheiro seria a mente. Aí, você entrega ao cavalo a responsabilidade de decidir para onde ir. Ou seja, você deixa que o instinto e a emoção decidem para onde ir. A emoção e o instinto é o que a criança tem. Como eu disse, parece muito com um cachorro. Meu sobrinho, até pouco tempo, era igual ao meu cachorro. Eles tinham o mesmo comportamento, queriam as mesmas coisas, faziam as mesmas coisas, ficavam bravos com as mesmas coisas. É uma coisa impressionante. É isso que a criança tem. Se não formos ali e a orientarmos, vai ser tudo muito mais difícil, assim como, hoje, para evoluirmos sem um mestre, sem um tutor, embora possível, também é muito mais difícil.

- 3) Só para continuar essa questão do tutor. E quando, em casa, no berço familiar, é a mulher que toma as rédeas, que vem a punir, que toma as iniciativas da casa. Qual consequência isso poderia ter?

Tendo consequência ou não, não importa, é o que temos para hoje. Aconteceu e é algo que está acontecendo. Então, o que eu posso fazer de ação é tentar fazer com que os homens criem responsabilidade e fujam dessa crise de responsabilidade. Isso faria com que a família voltasse a ter sua força. Existem forças que inspiram, na nossa cultura, o contrário, no sentido de tentar desvincular a família. A família é uma célula-social. O indivíduo é o indiviso, é o ser que não se divide. Ao se unir a qualquer um ou outro, você já fica mais forte. A força de união é algo que as pessoas temem. Há forças culturais tentando dividir a família. Na minha mente, eu ainda tenho que matar algumas ingenuidades minhas, mas, ao que tudo indica, é para aumentar a chance de poder. Quando você dissolve uma família, fica cada um por si. É o que aconteceu. Você uma mãe tendo que cuidar sozinha do filho. Cuidar de um filho é difícil. A criança é temperamental e emocional. Ou seja, você tem uma mãe que, ao que tudo indica, tem uma missão impossível, que é

cuidar de um filho sozinha. Fazer isso sozinho é quase impossível. É preciso incluir outras pessoas. Nisto entra o papel da mãe da mãe, da tia, você começa a tentar unir. Aí vem pessoas e dizem que essa mãe tem que trabalhar. E não só trabalhar, mas conquistar os postos mais altos que são ocupados pelos homens, que essas mães têm que ser líderes, CEO, presidentes, etc. Exigem que essa mãe tenha performance. Não só que paguem suas contas, mas que entrem nessas empresas e as dominem. Que humano consegue fazer isso? Vai ter um lapso. Vão ter que aparecer soluções para isso. Agora, o que eu acho sobre isso? Eu vou falar mais sobre isso na próxima aula, em que vamos estudar um pouco os fenômenos que aconteceram na nossa sociedade.

4) Eu quis fazer a comparação quando ambos estão em casa, mas a mãe tem iniciativa.

Perdão, entendi outra coisa. O pai é a autoridade máxima para uma criança, para um ser humano. Ele ocupa esse espaço até por algo que carregamos instintivamente. Só por ele existir é a figura de autoridade, não é preciso que fale nada. Isso faz com que castre as pessoas. Ele faz com que exista uma repressão emocional, só pelo fato dele estar presente. Isso acontece, claro, no caso de não ser um passivo-submisso. Não sei se é essa a sua pergunta.

O passivo-submisso não tem essa autoridade, pois ninguém o teme, a não ser que algum dia ele mostre o seu poder. É muito como o leão. O leão está deitado. Vem o filhote e morde seu rosto. O leão nem se move. Aí, vem a leoa e dá uma patada na sua cara. Ele se mantém imóvel. Até que uma hiena vem e morde o seu rabo. Um dia esse leão acorda e bate em todos. Ele foi do oito para o oitenta. O passivo-submisso faz um pouco isso. E aí ele prevalece.

Qual é o ideal? O ideal é que não deixe chegar nesse ponto em que precise de uma violência física, mas ele vai e justifica o seu comportamento de rei, de leão.

Quando você não tem autoridade, provavelmente, você vai ter um desafiador dentro de casa. A criança passa a ter um comportamento desafiador. Por que disso? Lembrem que eu falei que a criança busca

estabilidade? Se não houver um líder forte dentro de casa, alguém tem que ser esse líder. A criança instintivamente busca essa liderança. Ela se torna um desafiador. É um comportamento alfa. Isso pode ser feito por uma mulher também. Às vezes a mulher faz isso. Além disso, isso não necessariamente acontece, pois há o temperamento da criança e outras influências das quais falamos. Muitas pessoas não tem o pulso firme, não tem a figura masculina e as estatísticas mostram que essas pessoas têm uma tendência ao erro, à criminalidade, à gravidez na adolescência, a abandonar os estudos, à prisão, à subversão. A imagem do homem, por si só, vai castrar a criança, de uma certa forma. Até por isso é importante que esse homem não passe tanto tempo dentro de casa. Tanto é que o falo tem de sair e buscar. Se o homem ficasse o tempo inteiro dentro de casa, também poderia ser um problema. Sua permanência pode ser muita autoridade para criança, a ponto de ela não conseguir se expressar direito. Isso também seria um problema. Não só até os doze anos, mas principalmente até os doze anos, um dos sinais de amor que você pode dar é não deixar faltar recursos. É estranho ouvir isso, mas um dos sinais de amor é o próprio dinheiro. Você comunica a criança que não vão faltar recursos para ela, ela vai poder estudar, ter saúde, ter um teto, ter comida. E você fala: 'Quando você for mais velho, você vem passando para o meu reino'. Por quê? Principalmente quando você faz esse amor com recursos, você vai ver o seu filho, na melhor das hipóteses, uma hora, de noite. Às vezes, é assim que acontece. Não é o ideal, poderia ser um pouco mais de tempo. No final de semana, se o homem tiver paciência, pode ficar mais tempo com a criança. A criança pode ser um pouco doída por conta disso. E esse ressentimento, se fomentado pela mãe, faz com que não passe para o reino masculino, ela pode perpetuar.

Isso pode ser visto na quantidade de mulheres que hoje odeiam o arquétipo masculino. É o caso, por exemplo, do Bolsonaro. Ela odeia o Bolsonaro. Por quê? É o masculino, ele a castra, é algo de que ela tem medo, porque não foi para o outro reino, porque não aceitou o *animus* dentro dela. Então, a mulher fica com medo, fica ressentida, fica com raiva. Geralmente,

essas pessoas que não entenderam não têm medo só do Bolsonaro em si. Claro que pode haver outras razões para desgostar dele, mas elas morrem de medo do arquétipo masculino e tudo que representa. Nesse momento, o homem precisa falar e dizer: 'Eu sei que você está ressentida comigo'. É que nem na história do João de Ferro. O menino tinha medo dele. O João de Ferro era um monstro dentro de uma jaula, era para ter medo mesmo. Até que ele se resolve e, num ato de coragem, rouba a chave e o solta. O homem, quando não tem esse valor do masculino dentro dele, vai fazer com que a criança permaneça ressentida, medrosa e isso vai causar uma reação. Pode ser uma ansiedade, um pânico uma fobia, uma insegurança, uma rebeldia excessiva ou um desequilíbrio, seja qual for. Isso explica porque estamos tendo tantos casos de psiquiatria, de doenças mentais. É disso que trataremos na próxima aula.